



## CATADORES (AS) DE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS: NA SOCIEDADE CAPITALISTA TODO TRABALHO É DIGNO?

DISCATADOR

Autoras: Gabriela Linhar (Bolsista), Ana Maria Paim Camardelo (Orientadora)

### INTRODUÇÃO | OBJETIVO

O presente estudo provém do projeto de pesquisa “Diagnóstico acerca da imagem social dos(as) catadores(as) de resíduos sólidos urbanos no município de Caxias do Sul – RS” (2020-2022), no qual buscou-se identificar como o trabalho do(a) catador(a) é percebido e compreendido por ele(a) e pela sociedade, refletindo sobre a hierarquia existente no mundo do trabalho e a dignidade dos(as) trabalhadores(as) que sobrevivem da catação de resíduos sólidos.

### MATERIAIS E MÉTODOS

Em relação à metodologia, realizou-se uma revisão sistemática de literatura e uma pesquisa documental nos jornais de circulação - existentes ou que já existiram - no município de Caxias do Sul-RS, selecionando-se matérias com referência aos(as) catadores(as). Após a coleta dos dados, as matérias foram classificadas preliminarmente, quanto à imagem do(a) catador(a), em “positiva”, “negativa” e “neutra”. Transcritas as matérias classificadas, iniciou-se a categorização e análise de conteúdo, selecionando-se para esse estudo matérias relacionadas à dignidade dos(os) catadores(as), no que diz respeito a ser tratado como pessoa, ter seu trabalho reconhecido e valorizado e acessar direitos e serviços.

### RESULTADOS

A partir da análise do conteúdo dos jornais foi possível evidenciar que o princípio da dignidade humana não se materializa no cotidiano dos(as) catadores(as). Estes(as) trabalhadores(as) sofrem com a falta de políticas públicas, de investimentos em educação e de oportunidades para mobilidade econômica e social, não tendo seus direitos sociais básicos garantidos. Os exemplos que seguem abaixo, demonstram algumas dificuldades enfrentadas pelos(as) catadores(as):

O catador de papel Luciano Martins tem 23 anos de idade. Ele possui apenas a 2ª série, e trabalha cerca de doze horas por dia separando o lixo seletivo na cidade. Não tem idéia de quantos quilômetros percorre por dia, mas afirma que caminha o dia inteiro puxando o carrinho. Luciano mora com os pais no bairro Brandalise e ajuda. Afirma que aproximadamente ganha R\$ 25 por dia. Luciano já trabalhou com carteira assinada em várias empresas da cidade na área metalúrgica. Trabalha desde os 16 anos. “Sem estudo é ruim encontrar emprego. Trabalho como catador de papel para sobreviver”. Luciano tem um sonho: voltar a trabalhar com carteira assinada, receber direitos trabalhistas, melhorar de vida como trabalhador. Deixar o trabalho informal.

Gazeta de Caixas, 2006, edição 614

uma de sobreviver. Analfabeto, duas filhas menores, o catador de papel, Valdir de Souza, 34, natural de Florianópolis (SC) vive da catação, desde que se transferiu para Caxias, há pouco mais de ano. Morador do Kayser ele, agora, sub habita um amontoado de taboas nas margens da RS-122, (Rota do Sol) na Vila Industrial. Ele e a família, a companheira Joice Corrêa, 23, as filhas Mirian, 1,6 e Rute, de oito meses, sobrevivem com pouco mais de R\$10,00 diários da venda de material coletado.

Uno Fato, 2003, edição 117

mudar para a área, pagava cerca de R\$ 300 de aluguel, quase todo o valor que recebe como recicladora de resíduos. “Talvez aqui eu passe a ter mais direitos. Durante todo o tempo em que morava no bairro, nunca consegui vaga nas duas creches para minhas filhas”, argumenta Eva,

Tempo Todo, 2004, edição 103

### RESULTADOS

Antes do advento do capitalismo e do ideário protestante, o trabalho era considerado degradante e não dignificante:

“O desenvolvimento de relações capitalistas de produção, a apropriação privada dos meios de produção e da riqueza e a necessidade de se permitir a apropriação do trabalho para formação do lucro e de se garantir a circulação de mercadorias, levaram à dignificação do trabalho como valor ético central da sociedade” (GOSDAL, 2006, p.54).

Há um consenso de que qualquer trabalho é mais digno que mendigar, furtar ou roubar, porém, trabalhar com catação ainda é percebido pela sociedade capitalista como uma forma indesejável de subsistência, havendo pouco ou nenhum reconhecimento pela sua contribuição social ou ambiental. Para Camardelo, Oliveira e Stedile (2021, p. 79) a catação é uma atividade constantemente considerada um “não trabalho”, sendo “digna de pena ou de desprezo, com conotação visivelmente inferior”.

Podemos compreender por que a sociedade considera o trabalho da catação inferior ou vergonhoso, a partir das ideias de Jessé Souza, que afirma vivermos em uma “sociedade do mérito”, onde as “ocupações relacionadas ao conhecimento escolar formal são valorizadas em detrimento daquelas restritas ao corpo”. Para o autor, só seria possível compreender por que apenas alguns conseguem provar o seu valor, admitindo que “algumas ocupações são mais dignas do que outras” (SOUZA, 2020, p.281).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Preliminarmente, a partir dos dados, pode-se constatar que a hierarquização do mundo do trabalho na sociedade capitalista coloca os(as) catadores(as) de materiais recicláveis no final da “escala” do trabalho considerado respeitável e admirável pela sociedade. Ainda, possibilita compreendermos que a “sociedade do mérito” reproduz sentimentos de vergonha e humilhação em trabalhadores(as) que possuem pouco ou nenhum prestígio. Assim, podemos concluir que nem todo trabalho é decente e produz dignidade.

### REFERÊNCIAS

- CAMARDELO, A. M. P; Oliveira, M.; Stedile, N.L.R. **Tempos rudes: a identidade atribuída e sentida pelos catadores e pelas catadoras de resíduos de Caxias do Sul – RS**. Caxias do Sul, RS. EducS, 2021.
- GOSDAL, Thereza Cristina. **Dignidade do Trabalhador: um conceito construído sob o paradigma do trabalho decente e da honra**. 2006. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná.
- SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: quem é e como vive** | 3ª edição ampliada com nova introdução. Jessé Souza; colaboradores André Grillo et al. – São Paulo: Editora Contracorrente, 1ª reimpressão, 2020.
- Jornal **Gazeta de Caxias**, 2006, edição 614. Jornal **Uno Fato**, 2003, edição 117. Jornal **Tempo Todo**, 2004, edição 103.